

#### **4 POEMAS ATRAVESSAM A RUA SEM CUIDADO OU DISTRAÇÃO COMO ATITUDE HEROICA NA METRÓPOLE**

Rafael Zacca Fernandes (PUC-Rio / CNPq)

**RESUMO:** A propósito da distração como ethos heroico na modernidade, analiso as mudanças perceptivas ocasionadas pelo avanço das forças produtivas no capitalismo e a consequente captação dessa mudança por 4 poetas contemporâneos, a saber, Liv Lagerblad, Heyk Pimenta, Alberto Pucheu e Eucanaã Ferraz. Cada um destes poetas traz a distração não tanto como tema de seus poemas, mas sim como aquilo que Walter Benjamin classificou como forma interna. Em todos os casos, a distração aparece como força poética diante do perigo de aniquilamento nas grandes cidades. Essa reflexão serve de base para outra, ainda, a propósito da relação dos modos de fazer poéticos com a política, pensando com Jacques Rancière a sua tomada de posição na “partilha do sensível”.

**Palavras-chave:** distração. poesia contemporânea. Walter Benjamin.

Se é possível falar em uma vida das formas, como propôs Henri Focillon, (2001) e com ele Walter Benjamin (2011), a propósito do mundo das artes, é possível talvez imaginar uma pólis para a sua convivência. Em uma tal cidade das formas, podemos imaginar cada obra como uma pessoa ou animal. Imaginemos, portanto, que os poemas são alguns dos viventes em uma tal sociedade. Para a vida das formas, um médico ou um policial aconselharia antes de tudo cuidado, prevenção, autoconservação. Certa autossuficiência. Um poema não deve ser outra coisa, e sua vida social deve orbitar em torno de uma técnica, de um gênero, de um estilo e de determinados conteúdos que lhes

correspondam. Ter um emprego, estudar no seu curso de predileção, obedecer ao patrão e ao toque de recolher. A vida notívaga apenas nos fins de semana. Nada de excessos, nada de confusão fora do carnaval estabelecido pelo Estado.

No pequeno distrito literário que investigaremos, quatro poemas distraídos atravessam a rua sem cuidado. Não possuem qualidades extraordinárias, nem são necessariamente mais corajosos que outros poemas; defendo aqui uma coisa mais simples e mais arriscada: a atitude desses é heroica por causa de sua capacidade de distração. Ora, a distração é uma das forças mais antigas da poesia épica, que narra os feitos dos heróis fundadores. Em Homero imbrica-se de tal maneira na trama, que basta lembrar de alguns casos mais significativos: a descrição alongada do escudo de Aquiles, quando o poeta se perde em suas imagens; a atitude de Odisseu de extraviar-se voluntariamente de seu caminho; ou o desfecho da Guerra de Troia mediante a distração dos heróis troianos graças ao famoso cavalo de madeira.<sup>1</sup>

Que têm as cidades a ver com isso?

Na tradição ocidental, a pólis sempre foi contraposta ao estado de natureza. A necessidade de construir cidades teria surgido como reação ao medo diante do que as pessoas concebiam como forças “naturais” incontroláveis, como os desastres ecológicos, a violência dos grupos humanos uns sobre os outros e o ataque de outros animais. No processo de distanciamento com relação a esses perigos “naturais”, no entanto, alguma coisa fugira do controle. Foi Walter Benjamin quem definiu o universo metropolitano capitalista como um retorno daquelas forças colossais contra as quais as cidades um dia se ergueram: “[A técnica emancipada] se confronta com a sociedade moderna sob a forma de uma segunda natureza, não menos elementar que a da sociedade primitiva, como provam as guerras e as crises econômicas.” (1994, p. 174)

Explosões de gás e de esgoto, enchentes, deslizamentos, quedas de energia, acidentes de carro, atropelamentos, violência urbana... e desastres ecológicos consequentes das ações das cidades!<sup>2</sup> E o simples deslocamento na cidade, ainda que em segurança, envolve uma série de forças imprevisíveis: uma simples caminhada na massa amorfa de milhares de anônimos é o suficiente para despertar a sensação de que cada um é um competidor ou criminoso em potencial. De certa forma, o surgimento das

---

<sup>1</sup> A esse propósito, cf. meu ensaio sobre “Distração: atitude heroica diante da metrópole”, disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/26371/20178>, acessado em 15 de novembro de 2016.

<sup>2</sup> A esse propósito cf. CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (org). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosacnaify, 2004.

metrópoles marca uma espécie de trauma coletivo, a partir do qual os humanos modernos irão desenvolver uma série de comportamentos defensivos – pautados na capacidade dupla de atenção e de dispersão – com relação à cidade.

Para Jonathan Crary, essa transformação se relaciona com o surgimento de um campo social cada vez mais impregnado de informações sensoriais. “O capital, como processo de troca e circulação aceleradas, produziu no homem essa capacidade de adaptação da percepção, e tornou-se um regime de atenção e distração recíprocas.” (2013, p. 53) Quanto mais o capital cresce e engendra um campo hiperestimulado, mais precisa conter essa força que libera, mediante as práticas de disciplinarização dos corpos. Para o capital, a distração não é produtiva, e precisa ser controlada, o que é particularmente nítido nas tentativas desesperadas de normatização das crianças no ambiente escolar, com toda a sorte de classificação de distúrbios neurobiológicos.

Se tomamos as forças incontroláveis da segunda natureza, isto é, da metrópole, como análogas às da primeira, é possível dizer que diante daquela também enfrentamos forças mitológicas, como os heróis da poesia épica diante deuses representantes das forças naturais. A distração, dessa forma, na modernidade, se torna uma atitude heroica diante do mito. Se a emergência dos perigos metropolitanos e a disciplina do capital querem sujeitos capazes de certa atenção dispersiva, o suficiente para sobreviverem como força produtiva, mas não como sujeitos desviantes, a distração resplandece simultaneamente como um campo de possibilidades e uma interrupção da normatividade.

Nenhum dos poemas de que vamos falar aqui trata diretamente do tema da distração. Ela se configura como forma interna – a minha hipótese é a de que apenas se furtando à aparição imediata como conteúdo a distração pode de fato afetar os poemas de modo a colocá-los em perigo.

Vejamos um poema de Liv Lagerblad. A poeta que conta a história de uma separação é interrompida por um acidente. “Vi uma série de animais mortos”, diz Liv. Por que um poema de amor precisa falar sobre animais mortos?

(...) também  
um morcego (...)  
trombando num poste  
indo ao chão, tonto

trouxe o morcego

nas mãos em concha  
e o pousei na cama  
(...) o peito reticente do animal  
parou de inflar-se  
e usei as unhas para abrir  
(...) como fosse fruta  
a entranha e os tubos digestivos  
(...) minúsculos e meigos

o coraçãozinho  
por algum reflexo  
bateu uma vez mais  
depois de muito tempo  
já estando o peito aberto  
e aquela uma pulsão  
sem vida porém  
pulsão de fato  
aquilo foi o amor  
(2014, pp. 22-23)

Por que o amor se identifica, no poema, com a última batida do coração do morcego? Para Liv, a imagem erótica, na grande cidade, se configura, como um espasmo, um susto. O poema se detém longamente no corpo agonizante do morcego, que atraiu a distraída para o perigo. Não se trata aqui do amor burguês da vida privada e segura. A poeta buscou, no corpo erótico do amante, tanto as forças de união como de dissolução. A distração não é o tema do poema: só pode ser concebida no modo de abordar outros problemas, como o do amor, ou o dos animais mortos. Não por acaso, o que possibilita falar sobre a paixão é um morcego, um mamífero voador cuja orientação espacial se dá através de imagens sonoras: a distração é um motor secreto que força uma não-identidade dos temas e das técnicas, dos estilos e das formas consigo mesmas.

A não-identidade atravessa também o poema “É preciso aprender a ficar submerso”, de Alberto Pucheu (2013, pp. 9-10). Trata-se de um mantra ou de um manifesto-mecânico, que aconselha a submersão no mar... para que? O poema integra o livro mais cotidiano que o cotidiano, em que o poeta enfrenta as forças míticas da cidade. Por que, então, precisa o poeta abrir seu livro com uma série de poemas sobre o surfe, e ainda esse mantra, “é preciso aprender a ficar submerso”, contra a pressão marítima, a sensação de que os olhos vão estourar, contra a perda do fôlego... Para enfrentar as forças míticas da metrópole, Pucheu precisa submergir, mas não apenas na cidade. O distraído pode ser entendido aqui como aquele que mergulha em si mesmo, que não está atento, que não olha para os lados para atravessar uma rua, por exemplo. Ainda que as forças mitológicas ameacem o herói, ele não deve ceder à tentação de

buscar segurança. Precisa permanecer submerso, até que um evento exterior (como o morcego de Lagerblad) o expulsa para fora de si. Trata-se da atitude homérica diante da cidade-mar. O herói sabe que o verdadeiro perigo é muito maior que perder-se: o perigo é ser capturado. Para parafrasearmos outro livro de Pucheu, podemos dizer que o herói contemporâneo é aquele que deixa a “fronteira desguarnecida”, (2007) para colocar-se no centro de forças que o empurram para a morte e para a dissolução.

Quando Benjamin avaliou as descrições dos distraídos como as mais impressionantes com relação à cidade, (1989, p. 69) talvez tivesse em mente que a distração rompe com a lógica utilitária do espaço urbano; ao ignorá-lo por algum tempo ou em alguns aspectos, ele tem a possibilidade de olhar para esse espaço como se o visse pela primeira vez, assemelhando-se à criança.

A criança, a distração e a transmutação do espaço urbano pelo gesto lúdico são elementos fortemente imbricados no poema “Lixeiros” de Heyk Pimenta. O poeta conta a história de uma infância em meio a um subúrbio onde “cabia muito lixo”. As imagens oscilam entre a nostalgia a propósito de um grupo de crianças e o realismo cru de um bairro entregue às moscas. Em meio a esse cenário, recorda:

as crianças corriam  
atrás do caminhão de lixo  
gritos de criança  
perguntando aos gritos

tem brinquedo  
dá brinquedo

e não havia  
e não havia

os brinquedos do lixeiro  
vinham do lixo dos ricos  
um lixo com brinquedos  
o saco rasgava  
antes de cair na prensa  
e pulavam brinquedos e brinquedos  
(2014, p. 18)

Os “lixeiros” que figuram no título não aparecem no poema. Nas estrofes, existe apenas “o lixeiro”, como figura arquetípica, singular e solitária, que media o lixo das crianças ricas e das pobres. O título no plural acusa que são as crianças os lixeiros. São elas que espreitam o lixo, atrás de brinquedos. E é a criança pobre diante do lixo quem veste a máscara do herói: a atitude heroica está em “Lixeiros” como a distração das

crianças – seja com a imagem dos cavaleiros do zodíaco na TV manchete misturada ao cheiro do esgoto, seja com a vida do amigo, o “preto”, que tem uma irmã grávida, um pau grande e é analfabeto, seja com o amigo “johnny” apanhando do padrasto, ou mesmo com um campeonato de minigame “enchendo a varanda de casa”, “o único da rua”, de “16 jogos iguais”.

O título do poema é o que permite ver na imagem do lixo a criança, e na imagem da criança o lixo. As crianças que não herdarão o mundo transformam o resíduo produzido pela metrópole em matéria lúdica, com a mesma força com que o capitalismo tenta reduzir a criança proletária a mero germe de força produtiva.

cheirando lixo em dia de semana e  
em fim de semana  
jogando bola  
de sapatão

mas corriam e perguntavam ao lixeiro  
pediam ao lixeiro

dá brinquedo  
tem brinquedo

eu olhava  
até corria  
mas não gritava  
não acreditava nos brinquedos  
(Ibidem, p. 19)

O último verso do poema, estranhamente otimista (outra vez, o que lampeja aqui é a figura do susto que acomete o distraído), aposta na possibilidade não apenas da brincadeira, mas também do amor: “o preto foi meu primeiro namorado.”

Falamos aqui em transmutação lúdica também para destacar que a distração como forma interna exige a dissolução das fronteiras que separam as formas. Se o distraído deixa a “fronteira desguarnecida”, enquanto força poética ele deixa as definições poéticas mesmas ameaçadas. É o que acontece de forma condensada no poema “Graça”, de Eucanaã Ferraz:

Milhões de palavras derramadas inúteis  
mas teu rosto não. árvores tombadas livros  
partidos tudo se vende mas teu rosto não;  
sangue de cidades e crianças mas teu rosto  
segue limpo; em cada canto um inimigo;  
no teu rosto não; rosto onde não cabe a guerra;

rosto sem irmão; teu rosto  
o teu nome o diz.  
(2015, p. 69)

Tal poema, a que poderíamos classificar como lírico, é construído com o motor épico. As forças da guerra (e, por que não, da história) se mostram nele como raramente vemos em um poema desse tipo. São como um véu sobre o rosto do qual se quis dizer. Esse rosto, imagem de tudo o que seria contrário às ações violentas dos homens, é como um centro de gravidade que atrai as forças ameaçadoras daquilo a que chamamos aqui de “segunda natureza”. Na secreta atitude épica, o poema lírico rompe as suas barreiras e, de certa forma, nos exige outras formas.

Na pólis da vida das formas, os viventes distraídos realizam um protesto às instituições consolidadas à preservação das relações injustas de produção, de formação. Se os poemas interferem mesmo na partilha do sensível, como sugere Jacques Rancière (2009, p. 23), eles ensaiam algum gesto não apenas heroico, como anarquista, ou, pelo menos, anti-normativo, com o qual ainda nos cabe algum aprendizado.

#### **Referências:**

BENJAMIN, Walter. “A tarefa do tradutor.” Trad. Susana Kampff Lages IN: **Escritos sobre mito e linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas I. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 1ª Ed. São Paulo: Brasiliense. 1989.

CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (org). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosacnaify, 2004.

CRARY, Jonathan. “A modernidade e o problema da atenção.” In: CRARY, Jonathan. **Suspensões da percepção: atenção, espetáculo e cultura moderna.** Trad. Tina Montenegro. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FERNANDES, Rafael Zacca. “Distração: atitude heroica diante da metrópole”. Revista *FronteiraZ*. n16. julho de 2016.

disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/26371/20178>

FOCILLON, Henry. **A vida das formas.** Trad. Ruy Oliveira. Lisboa: Edições 70, 2001.

LAGERBLAD, Liv. **Poemas.** Rio de Janeiro: Cozinha Experimental, 2014.

PIMENTA, Heyk. **Poemas.** Rio de Janeiro: Cozinha Experimental, 2014.

PUCHEU, Alberto. *A fronteira desguarnecida.* Rio de Janeiro: Azougue, 2007.

\_\_\_\_\_. **Mais cotidiano que o cotidiano.** Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política.** Trad. Mônica Costa Neto. São Paulo: EXO experimental org.; Ed 34, 2009.